

### Terceira carta

Isto aqui é segredíssimo de poucas duas gentes, não mais. Um segredíssimo danado: é capaz de meter-lhe em arapucas, causar-lhe desgostos com tremendos desacatos de terceiros, batidos em áspero descrédito. Isto aqui: num dia de noite, no meio de brincadeiras, o amigo assustado puxou-me pelo braço, atravessamos a trilha por detrás das construções, vazamos os pomares e rasgamos, a nervos pesados duma ânsia própria da idade infantil, um bocado de pastagens, desviando de todos evitáveis. O coração saía-me pela boca quando chegamos num ôfego de dar pena, medonhamente atordoados, à descoberta. Ele vira uma vez e, sem ter a quem, contara-me seu pavor, mas que o quê! Podia-se acreditar em tresvario dessa espécie sem botar os próprios seus olhos? Ajustamos o passo, fomos pisando muito devagarinho, o funga-funga suspenso, deitando-se fora regos suarentos, os dois meninos divisando-se e amparando-se: encostamos na parede, deslizamos rente à caiação, branqueando-nos, até a fenda da janela de madeira. E ali estava: amolecida, a mãe dele estendida na cama, naquela companhia assombrosa, de suceder-se sandices a quem pudesse presenciar o acontecido. Sem tirar nem pôr, sugava-lhe as tetas murchas o rolo inchado escurecido por cima do ventre nudado, uma cobra descomunal. E o mais assustador: era a bicha dotada duma fina e sinuosa celha, trêmula alumiada ao encanto da lua xereta que vasculhava o cubículo onde dormia a mãe do Furão, meu amigo Furão.

Entanto, isto foi antes. Nós, aqui, vamos pro depois, sem nos tardar nas bobagens que os olhos aventureiros das crianças são capazes de ver, mesmo sendo visto e revisto. Conteí mais por engenhos de-me valer desta amizade duma fundura extrema que iria, nos adiantes, sujeitar-se a tantas e tantas. Mas justamente ia (e vou) tratar de um outro caso sem segredos. Para começar.

Na fundura noturna da estrada fria orvalhada, foi-se ouvindo o lamento

pranteado espremido pelas barrancas, e o capinzal por quieta testemunha. Antes, pouquinho antes, um estrondo seco sacudiu o ar. Mas o que ia agora era aquela agonia, um desespero. Gemido de criança sozinha naquelas altas não podia ser boa coisa. Os homens grandes e umas mulheres-se bandearam no rumo, carregando as redomas com as velas acesas, feito procissão: aquela muita gente de ramificações diversificadas nos sentidos todos – por família, por modo de viver ou tanto mesmo que fosse de falar – foi ver o que havia. Virei de lado em cima do colchão e tapei o ouvido com o travesseiro, esperando que não-se produzisse o efeito dum alarma. Mas não adiantou. Num certo instante, o menino penitente parecia vagar dentro do nosso quarto. – Pai... pai... pai – ele ia repetindo num fundo lamento, enquanto descia o descidão.

Como é que-se elucida este meu sentimento tão velho e repisado, como numa toada fantasmagórica? É que no campo, depois de-se deitar, lá fora tudo apagado, não é pouco o que-se tem, escute bem, não é mesmo. Muito-se cria pela imaginação, decerto que sim, mas também existe outro tanto que-se parece com esses assombros da alma, mas não; é, saiba disso, burla, uma trapaça, trapaça de nossa própria sorte. Já ouviu dizer: – “isso não é nada”? – Ah, isso não é nada! É desse mesmo jeito que-se engana quem-se deixa levar. Lá fora há de tudo, firme-se nisso. – Pai, pai, pai... – Não sei dizer se pensei que fosse abuso da fantasia. Ora, já faz muito, desculpe-me, mas nem é preciso expor. Eu tinha uns treze, catorze, imagine se pode. Por outra, o caso é que daquela noite não posso-me esquecer, isso nunca: um bruto vascojejo de desatolar a rês do charco foi achar o que achei, e, emparelhado, o desassossego daquele pranto repisando o pensamento, a somatória do abalo bom e do abalo ruim, os dois juntos, os dois bem adiante, na mesma hora: com tantas outras desimpedidas. Mas, vá lá; vá querer ensinar o caminho ao destino... Então, não-me lembro bem do que pensei ser a demanda, só-me recordo do que resultou.

Foram ver o que era na estrada, a judiação da criança choramingando e pedindo

pelo pai, e também o estrondo seco. E, nisso, é que-se deu o acaso. Por seus quinze anos, a Amália já parecia madura atrás da fartura do busto e do quadril. Eu, de vez em quando, ouvia nosso pai resmungar que no perto é que-se desanuvia o olhar, e ali, enquanto uma certa balbúrdia-se instalava na noite, é que fui assimilar o resmungo, ali é que fui desanuviar o meu. A Amália da casa do lado da nossa, aquela Amália nascente, veio vindo e, jeitosa, arrumou-se com a gente. A mãe dela, a viúva Dona Florinda, também tinha-se abalado atrás daquele choro que rasgava a quietude da hora junto com os ladros assustados da matilha. Sei dizer que o povaréu foi atrás da desdita intrigante, e a Amália-se juntou com nós de cá: era sozinha, e a gente, em três irmãos. Chegou injuriada a respeito daquilo: o menino rogando pelo pai de um jeito assustador. No clarão da lamparina, as curvas dela serpenteavam. Eu digo hoje sem miséria: acho que ela nem atinou para o efeito de-se resguardar melhor, que não fosse só debaixo da camisola, e trouxe desde ali minha definitiva perdição. Decerto que naquele tempo não-se achava tudo fácil como hoje. Não-se tinha à mão as todas manhas, astúcias e segredidades do Ubiratão dos Melo, peão de gado de confiança do pai, que nos domingos e mesmo em dias de ofício de noites recebia um cortejo de donas ocultadas no meio de laranjeiras, mangueiras, galinhas e leitões que disparavam assustados diante daquela agitação nervosa em redor da janela do quarto.

Eu senti um tremor súbito quando vi a Amália e sua pele alva, fina como um papelico de luxo, a mesma tremura doutro dia na escola, quando veio como um aviso: apareceu-me num repente, como nunca antes houvesse havido. Mas naquele dia, no meio dos escolares todos, ela não-me reparou. Agora, sim. No meio dos pequenos, na noite de sustos, a Amália-me olhou e logo levou a mão no rosto, assim, cobrindo os lábios, engolindo um riso que-se escapava baixinho, por-me ver naquele estado, o calção frouxo de dormir fazendo a denúncia do meu ânimo. E ela rindo-se. Daquele jeito. Um modo fioso e depois contido – desaguado e represado. Suspirei, cheio de vontades inacabadas. Nisso, veio correndo a nossa mãe, atrás de um copo de água

com açúcar, derrubando minhas intenções. A Amália, montada em caprichos, virou-se para a correria da mãe e eu ainda pude reparar nela, nos cabelos cacheados de leve caindo até o meio das costas, as ancas empinadas de mulher feita e os tornozelos longos de fêmea decidida. E, através dos cachos ondedados, aquela visão estúrdia das asinhas brancas comprimidas pela camisola, o que sempre-me causaria dúvida e fascinação no cumprimento de todos e longos anos. A mãe passou, falando umas coisas que eu não ouvi, e a Amália-se voltou para cá de novo, e então-me olhou, foi com outro semblante, num lampejo de admiração no meu rumo, os olhinhos em brasa, e essa tentação calhou de-me fisgar. Primeiro, foi-me dar o desgosto – por minha meninice ainda distante do feitio adulto da Amália. Mas, depois, quando o coração afrouxou o compasso, foi só um orgulho de mim mesmo, que nem digo. Ora, eu ia crescer, não ia então? Nervosamente, a mãe atravessou de novo a sala cheia das crianças, os manos e o meu amor. A mãe foi para a estrada e levou o copo, mexendo com a colherinha.

**Noite** passada, um prazer que eu não sentia fazia tempo-me abraçou como-se tivesse vindo com o vento. Mandei Altina deixar café passado. Pensei em escrever um tanto mais, mas qual nada: fui tão contente ao pote que a água secou antes da hora. Levei um bom tempo para saber por onde começar. Quando dei conta, eram quatro. Fui dormir até às seis. Bom, deixe que chame a moça Teresa. Ela lê, corrige umas coisinhas e-me devolve. Eu completo com o recado e fecho. Depois ela posta. Foi o combinado.